

ANGELOLOGIA: UMA REVISÃO REFORMADA ACERCA DA DOCTRINA DOS ANJOS

Morisjance de Sousa¹

RESUMO

Discutir acerca dos seres celestiais ou anjos é de primordial importância para se compreender as bases da fé cristã. Nesse sentido, o trabalho em questão é uma revisão bibliográfica da visão bíblica sobre os anjos, não obstante a tradição a ser mais aprofundada é a da Reforma Protestante e suas concepções acerca do ministério dos anjos, existência e louvor dos mesmos. O trabalho visa contribuir para a disseminação de pesquisas sistemáticas e exegéticas sobre o tema.

Palavras-Chave: Anjo, Reforma Protestante, Seres Celestiais.

ABSTRACT

Arguing about heavenly beings or angels is of paramount importance for understanding the foundations of the Christian faith. In this sense, the work in question is a bibliographic review of the biblical view of angels, although the tradition to be further deepened is that of the Protestant Reformation and its conceptions about the ministry of angels, their existence and praise. The work aims to contribute to the dissemination of systematic and exegetical research on the subject.

Key words: Angel, Protestant Reformation, Celestial Beings.

¹ Graduado em Comunicação Social Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí, Graduando em Teologia Pastoral pelo Seminário Teológico Batista de Teresina.

1 INTRODUÇÃO

A Angelologia é a doutrina bíblica destinada ao ensino dos anjos, incorporando análises bíblicas e da tradição, além do arcabouço exegético e cultural; a angelologia se responsabiliza por esses eventos. Nesse sentido, a doutrina aborda sobre os seres celestiais da criação e sua relação com os seres humanos, bem com os objetivos de Deus para com o seu povo e sua criação. Desse modo, é necessário o estudo prudente, relacionando o aparato exegético acerca dos anjos maus e dos anjos sem a corrupção do mal, além de uma revisão sobre as diferentes tradições e suas visões sobre os seres angelicais.

Nesse sentido, diante das variadas seitas e religiões no mundo que afirmam receber uma revelação especial de anjos enviados pelo Senhor; faz-se necessário o estudo desta doutrina segundo a escritura para evitar desvios doutrinários, bem como falsas adorações a anjos caídos. Essas práticas eram comuns no período da Igreja Primitiva (CALVINO, 1960) e as são nos dias atuais com o pluralismo de doutrinas.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de informações condizentes com a verdade bíblica, além da busca pela devida relação dos seres celestiais com a criação do Senhor. O artigo é uma revisão bibliográfica com as principais tradições – sobretudo a Reforma Protestante – e a escritura sagrada.

Dessa forma, no primeiro tópico analisa-se a questão bíblica envolvendo os anjos. O que Jesus Cristo confere a estes, bem como as diferentes formas às quais eles são referenciados na escritura. Além disso, cita-se autores como Berkhof (2015), Agostinho (1989), entre outros para elucidar melhor tais questões entre anjos e demônios.

Seguindo na mesma perspectiva, o segundo ponto coloca as tradições à prova diante da escritura, bem como há uma análise do papel da Reforma Protestante na elucidação da questão cultural dos anjos, até então sendo hegemônica da Igreja de Roma. Para resolução dessas questões, buscou-se autores como Anselmo (ano), Calvino (2000), e Zanchius (2021).

Diante disso, a discussão sobre os anjos e demônios e sua relação com a criação tem uma ligação perene com a história da igreja. Além disso, a cultura formada pela igreja diz muito respeito a sua crença, e esta deve ser respaldada no texto bíblico em primeiro lugar. Verifica-se a posteriori o desenvolver do trabalho revisado sobre a reforma protestante e seu papel para com a elucidação desta doutrina, não obstante o ensinamento para a permanência nestes parâmetros nos dias atuais.

2 ANGELOGIA: A QUESTÃO BÍBLICA

Sabe-se que em toda escritura está presente a figura do ser celestial, conhecidos como anjos, esta primeira criação é abordada como despenseira de atividades, bem como o pleno louvor ao Deus Criador bíblico. Nesse sentido, o termo *aggeloz* diz respeito a um

mensageiro entre Deus e os homens, o termo em si pode referir-se tanto a um mensageiro humano quanto divino. Pode - se questionar quanto a natureza destes anjos, opositores liberais recorrem a esta possibilidade para negar sua existência; no entanto, a averiguação de contexto corrobora para a transcendência do escrito bíblico.

Nessa perspectiva, a escritura apresenta variados termos que fazem referência aos seres celestiais, tais como:

- a) Santos²
- b) Principados, Poderes, Tronos, Dominações e Autoridade³
- c) Espíritos⁴

Vale ressaltar a autenticidade verificada em Cristo sobre, não somente a existência destes seres, mas o ministério dado por Deus e executado perante os homens. Jesus Cristo valida esta doutrina ao discursar escatologicamente sobre a segunda vinda:

Disse-lhe Natanael: De onde me conheces tu? Jesus respondeu, e disse-lhe: Antes que Filipe te chamasse, te vi eu, estando tu debaixo da figueira. Natanael respondeu, e disse-lhe: Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel. Jesus respondeu, e disse-lhe: Porque te disse: Vi-te debaixo da figueira, crês? Coisas maiores do que estas verás. E disse-lhe: Na verdade, na verdade vos digo que daqui em diante vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem. EVANGELHO DE JOÃO, Cap 1. V. 50

Dessa forma, o texto escriturístico – bem como o messias – valida a existência e ministérios dos anjos. Segundo Luis Berkhof (2015), os anjos teriam liberdade moral, além de uma missão para com os crentes em Jesus Cristo.

² Pois quem nos céus poderá comparar-se ao Senhor? Quem entre os seres celestiais assemelha-se ao Senhor? Salmo 89:5

³ Pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; Colossenses 1:16

⁴ Os anjos não são, todos eles, espíritos ministradores enviados para servir aqueles que hão de herdar a salvação? Hebreus 1:14

Eram tidos em alta estima, como seres pessoais de elevada categoria, dotados de liberdade moral, engajados no jubiloso serviço de Deus, e empregados por Deus para atender ao bem-estar dos homens. BERKHOF, Teologia Sistemática. P.131

Ainda sobre as questões que envolvem os seres celestiais, seja origem, ministério, queda e livre arbítrio, é indubitável a construção de sentido dentro da doutrina, em toda história da Igreja. Nesse sentido, para os Pais da Igreja⁵ os anjos teriam corpo etéreo e perfeito; além disso, cria-se que estes seres celestiais foram criados bons, porém alguns usaram mal sua liberdade e caíram, afastando-se de Deus. Após o Concílio de Nicéia, algumas considerações foram adicionadas ao pensamento de anjos da época, tais como; a dúvida acerca dos corpos, a consideração de anjos protegendo as igrejas locais, além de anjos na escala individual; cabendo ressaltar que todos os Pais da Igreja abominavam o culto aos anjos.

Nessa perspectiva, ressalta-se a figura de Agostinho de Hipona que fora um dos primeiros Doutores da Igreja a estudar profundamente os anjos e demônios em conexão com a doutrina da Queda e Criação. Segundo o mesmo:

Os anjos já existiam quando foram criados os astros. Ora, estes foram-no ao quarto dia. Diremos, então, que foram criados ao terceiro? Claro que não. Sabemos muito bem o que nesse dia foi feito: a terra separada das águas, cada um destes elementos recebeu as espécies que lhes convinha e a terra produziu tudo o que nela cria raízes. Seria, porventura, no segundo? Também não. Nesse dia foi feito o firmamento entre as águas do alto e de baixo, dando-se-lhe o nome de céu; e no firmamento foram criados os astros no quarto dia. É, pois claro que se eles se encontram entre as obras que Deus fez em seis dias, os anjos são essa luz que recebeu o nome de dia; e foi para marcar a unidade que se não disse o primeiro, mas sim um dia. AGOSTINHO. Comentário ao Salmos, 103. 1,15.

Ainda sobre a compreensão bíblica do Bispo de Hipona, é observada as tratativas quanto à liberdade dos anjos, uma vez que são seres dotados de conhecimento e de um determinado nível de ação. Segundo aquele:

Não é lícito pôr em dúvida que as inclinações, entre si contrárias, dos bons e dos maus anjos, não resultam de naturezas e princípios diversos, pois foi Deus, autor e criador excelente de todas as substâncias, quem as criou a umas e outras – mas provém das vontades e apetites. Uns mantêm-se no bem, comum a todos, que para eles é o próprio Deus, e na sua

⁵ Fonte retirada de Teologia Sistemática de Franklin Ferreira e Alan Myatt.

eternidade, na sua verdade, na sua capacidade; outros, comprazendo-se mais no seu poder pessoal, como se fosse bem seu próprio, afastaram-se do sumo bem. AGOSTINHO. A Cidade de Deus, p. 12

Em contrapartida, do outro lado da compreensão teo-filosófica, alguns teólogos medievais entendiam estes seres com corpos etéreos, mas alguns incorpóreos. A ideia era de que estes seres poderiam adotar formas corporais temporárias. Há ainda, a ideia escolástica acerca da hierarquia e dos grupos angelicais, é o caso de Pseudo Dionísio, o areopagita, escritor cristão do século VI. Dionísio afirma em seu tratado *De Coelesti Hierarchia* que os anjos possuem três classes:

- 1) Querubins e Serafins: Referindo-se aos tronos, os que gozavam da mais estreita comunhão com Deus.
- 2) Domínios e Poderes: Usufruem e são iluminados pelos primeiros.
- 3) Arcanjos e Anjos: Referindo-se aos principados, os que usufruem e são iluminados pelo segundo grupo.

Diante disso, infere-se que as questões espirituais concernentes aos anjos, bem como seus relatos nas escrituras, sempre foram motivo de análise, estudo e meditação na história da Igreja. Compreende-se ainda a validação através do ponto chave da crença cristã – Cristo – quanto a existência e ministério dos anjos. Além disso, é indubitável a abordagem sobre os anjos caídos, - aqueles que usaram de sua liberdade para sanar, ou tentar sanar, o apetite pecaminoso ao afastar-se do Criador.

3 ANGELOGIA E A RESOLUÇÃO DE CRENÇAS

O tema dos anjos – sejam maus ou bons – é motivo de estudo, meditação, infelizmente cultos e até mesmo formação e lendas ou credices. É importante, com o auxílio do estudo teológico, a resolução dessas questões com o uso de toda a Revelação, bem como da Tradição histórica que se encontra de acordo com essa Revelação.

Nesse sentido, ciente da credice da possibilidade de perdão para os anjos caídos, Santo Anselmo discorre em seu livro *Por que Deus fez o Homem* sobre o perigo desta crença, e como ela está infundada biblicamente e racionalmente:

É impossível que um demônio obtenha perdão, como compreenderás, se considerardes, com atenção, a reconciliação dos homens. Pois assim como o homem não pode obter misericórdia senão pelo Deus-Homem, que pudesse morrer e por cuja santidade se restituísse a Deus o que, pelo pecado do homem, se Lhe havia tirado, assim, os anjos maus não podem se salvar por um Deus-Anjo, que possa morrer e que por sua santidade restituísse a Deus o que os pecados dos demais Lhe tiraram. Por outro lado, eles não podem ser elevados à dignidade que haviam de ter se não tivessem pecado, pois com a graça que receberam, teriam podido permanecer na verdade sem o auxílio alheio. Pelo que, se alguém crê que a redenção de nosso salvador deve estender-se de tal modo a alcançá-los a razão demonstra que este se engana. Com isto, não quero dizer que o preço de sua morte não seja superior em valor a todos os pecados dos homens e dos anjos, mas que a razão demonstra, de modo categórico, que ela não pode servir para a salvação dos anjos caídos. ANSELMO. Por que Deus fez o Homem?, Livro I. p, 18.

Com isto, percebe-se uma compreensão apurada quanto a doutrina dos anjos durante a história da Igreja, é perceptível ainda, no início da Igreja Primitiva toda a tratativa desde as ações dos anjos maus quanto a necessidade dos seres angélicos. Nessa ótica, Tiago – o Apóstolo e irmão de Jesus – afirma que estes demônios creem que estremecem⁶, reafirmando a ideia do conhecimento espiritual, porém, com a presença da rebelde soberba. Além dos problemas com o paganismo que sofrera a igreja de Tiago, é perceptível o Apóstolo Paulo combatendo a chamada Heresia Colossense⁷, que também incluía o culto aos anjos.

3.1 Anjos da Guarda e a Reforma Protestante

É fato de que os debates da Reforma não acrescentaram um novo pensamento acerca da doutrina angelical, do contrário, eles reafirmaram os pensamentos já construídos e combateram a má compreensão formada, seja da cultura vigente ou dos opositores.

João Calvino, teólogo e estadista em Genebra, discorreu sobre o cuidado para com credices infantis e culturais acerca dos anjos, uma delas: O anjo da guarda. Calvino, assim como Lutero, tinha vívida concepção das ações angelicais e também da presença e poder de Satanás; embora o teólogo enfatizasse que este poder de ação estivesse dentro

⁶ Tiago 2:19

⁷ Heresia que consistia em práticas ascéticas, dietas restritivas, culto aos anjos e falsa ideia de alcance da Graça pelas obras.

dos limites estabelecidos pelo próprio Deus; a saber o exemplo de Jó dentre vários. “Não ousaria afirmar como certo, se a cada fiel, individualmente, foi ou não designado um anjo específico para sua defesa” (Institutas, L XIV, 160).

Provoca-se ainda os crentes quanto a quantidade destes seres, é imprescindível adotar a qualificação de objetos tal qual sua quantificação. Tomás de Aquino – também conhecido como *Doutor Angelicos* por seu debruçar na questão – já afirmara sobre a impossibilidade de contar tais seres. João Calvino instiga seus leitores, usando os evangelhos para se obter respostas.

Para que sejamos mais incitados e provocados a isso, a Escritura denuncia que não são um ou poucos os inimigos, mas grandes exércitos que guerreiam contra nós. Pois é dito que também Maria Madalena foi liberta de sete demônios, os quais a habitavam (Mc 16,9), e Cristo testemunha ser comum que um demônio, uma vez expulso, encontrando novamente aberto o lugar, tome consigo sete espíritos piores que ele e assuma com eles a posse vaga (Mt 12,45). E ainda se diz que de um único homem tomou posse uma legião (Mt Lc 8,30). Assim, aprendemos que a quantidade de inimigos com os quais temos de lutar é inifinita, para que não sejamos negligentes com a batalha, considerando que são povos, ou cedamos à preguiça, consideramos que nos seja propiciado algum descanso. INSTITUTAS, L I. Cap, 14.

Diante disso, o pensamento reformado entende não somente a presença dos anjos e seu ministério, como a validação do mesmo através do Mestre. Além disso, credices culturais que tomam por base pontos de expansão do texto bíblico não se sustentam com uma apuração cuidadosa do mesmo. Toda a tradição ortodoxa reverbera este pensamento; em contrapartida, o pensamento racionalista do séc XVIII se dedicou a negar tal existência. Para tais opositores, haverá a análise devida a fim de demonstrar não somente sua ausência de fé, mas a incapacidade cognitiva para com a análise do texto bíblico e contexto.

3.1.2 O Ministério dos Anjos e sua Multiforme Graça

Diante de toda investigação, cabe agora apresentar com o devido embasamento, em autores como François Zanchius, sobre o ministério destes seres espirituais. O que fazem, para que propósito foram criados e como agem segundo a vontade de Deus, sem que anule a soberania do Criador.

Segundo Turrentini; “É possível apresentar uma razão múltipla: não por necessidade e indignação, como se Deus dependesse deles, (pois ele é o único suficiente em si mesmo e, assim como criou todas as coisas unicamente por sua palavra, unicamente por ela também poderia governar todas as coisas), mas por indulgência e amor.”.

Nessa perspectiva, é primordial o entendimento de quais funções estão inclusas neste ministério.

(1) Para o bem dos próprios anjos, os quais Deus considerou dignos de tal honra, desejando que fossem cooperadores (synergous) com ele no governo do mundo. (2) Para a consolação dos crentes, que daí conhecem o quanto Deus se preocupa com eles, visto que se propõe usar o ministério de criaturas muito mais excelentes que eles, no tocante à natureza, para a promoção de sua salvação (não apenas corporal, mas também espiritual). (3) Para a promoção de mais estreita amizade entre anjos e homens, pois é evidente que há acesso e aumento de amizades pela concessão de bondade e ofícios mútuos. (4) Para a boa ordem (eutaxian) do universo, para que assim todas as criaturas (superiores e inferiores, visíveis e invisíveis) se correspondam, e juntas se entrelacem por certos vínculos seguros de ofícios, para que se estabeleça mais solidamente a harmonia do mundo. (5) Especialmente para a glória de Deus, que é o fim último e principal de todas as suas obras; glória que resplandece mais excelentemente a partir do ministério dessas criaturas nobres. ZANCHIUS. França, Doutrina da Predestinação Absoluta. 2021

Diante disso, é possível avaliar para quem os anjos estão servindo, a comando de que ser celestial – O Deus Soberano -, além de mais diligências vindas destes seres angélicos. Nesse sentido, vale ressaltar, segundo Turrentini, que os anjos também foram criados para a glória de Deus, além disso, é imprescindível vencer barreiras no que diz respeito ao ministério dos anjos em relação a si mesmos. Quanto a isso, Zanchius argumenta:

Com respeito a si mesmos, porque, visto que formam uma sociedade celestial bem ordenada, indubitavelmente executam vários deveres mútuos, por uma mútua comunicação de coisas a serem conhecidas e feitas (embora não possamos dizer qual é de que natureza é o modo dessa comunicação). Daí lermos: “clamavam uns aos outros” (Is 6.3) como se instigassem uns aos outros à celebração do louvor divino. Em outras partes são apresentados falando uns aos outros (em Zacarias e em Apocalipse). 5. À luz de Daniel 10.13, não se pode deduzir um conflito e discordância entre os anjos bons, pois “o príncipe do reino da Pérsia” (que queria afastar o anjo Gabriel e envidar todos os esforços com o fim de reter os judeus perpetuamente sob os persas) não era um anjo bom posto por Deus sobre o reino da Pérsia, porquanto nada podia tentar sem a ordem divina (que queria livrá-los do cativo). Antes, essa é mais bem uma referência a Cambises, filho de Ciro, que (enquanto seu pai cruzava

o mar) passou a lutar na Ásia contra os citas, era hostil à restauração dos judeus e emitiu um edito cruel para impedi-los de continuar a construção do templo. Daí ser necessário que o anjo Gabriel se delongasse ali por algum tempo a fim de restringir a fúria de Cambises (ou seja, para que ele não intensificasse sua fúria contra o povo de Deus). O versículo 20 confirma isso. O mesmo anjo diz: “Eu tomarei a pelejar contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia”. Indubitavelmente, isso notifica que ele iria ainda lutar em concordância com o plano de Deus em restringir a crueldade do rei da Pérsia contra o povo de Deus, até que o príncipe de Java (i.e., dos gregos – Alexandre o Grande) viesse, o qual haveria de subjugar o reino persa.ZANCHIUS, Doutrina da Predestinação Absoluta. 2021.

Com isto, sabe-se que os anjos possuem tarefas estabelecidas para o livre louvor da glória de Deus. Além disso, buscar alguma função para além do texto bíblico incorre em alegorias ou influências externas que determinado leitor carrega para sua leitura da escritura.

Ainda dentro da perspectiva da igreja histórica, percebe-se a relação direta entre a vontade de Deus e as formas de execução, também, através dos seus anjos. Proteção, ações e forças espirituais são habitualmente realizadas através das mãos dos seres celestiais designados pelo Eterno.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da perspectiva reformada a relação dos anjos com os seres humanos e os desígnios de Deus diz respeito àquilo que a bíblia revela com a devida prudência. Importa ressaltar que em todas as aparições da escritura os anjos não reivindicaram qualquer adoração senão ao próprio Deus Yahweh. Nesse sentido, a postura da igreja cristã atual necessita encontrar-se de acordo com as respostas escriturísticas do tema.

A presença de vários anjos na proteção dos crentes, suas forças espirituais e ações isoladas são confirmadas pelos textos bíblicos. Em contrapartida, nega-se – com o justo respaldo da escritura – qualquer ação individual ou a existência de anjos da guarda específicos a alguns crentes, bem como a necessidade de adoração por parte dos seres humanos para com os seres celestiais.

Diante disso, a pesquisa obteve o resultado desejado diante da aplicação de uma revisão bibliográfica acerca do tema. Além disso, reitera-se o incentivo para o revisitar de fontes comparativas para a busca de respostas sobre questões semelhantes, como uma análise exegética nos principais textos que envolvem estes mensageiros. Nessa perspectiva, a pesquisa não encerra o assunto, pelo contrário, é uma contribuição para a continuidade da análise da participação destes seres celestiais na criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. São Paulo: Cultura Cristã, 2º ed, 2001.

CALVIN, John. Institutes of the Christian Religion. Tradução de Ford Lewis Battles. Organizado por John T. McNeill. Filadélfia: Westminster Press, 1960.

CALVINO, João. A Verdadeira Vida Cristã. Tradução. São Paulo: Novo Século. 2000, 77p.

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

SANTO AGOSTINHO DE HIPONA, Comentário aos salmos, Paulus, São Paulo – SP, 2008.

AGOSTINHO, Santo. A Cidade de Deus (Contra os Pagãos). Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 2003. [original latino: De civitate Dei]

ANSELMO, Sto. *Por que Deus se fez homem?* São Paulo: Novo Século, 2003. 171 p.

ZANCHIUS, Jerome. A Doutrina da Predestinação Absoluta. São Luís: Ed Theophilus, 2021.

